

Que falem os deuses da aurora! Que me inspirem as musas! Que ruja o furacão!

Está escrito com carvões acesos no livro de todos os mistérios que todos os Avatares de Ishvara apresentem sempre o requerimento do Omnimisericordioso Espírito Universal da Vida: restaurar sobre a face da terra “o rosto original”, o estado primordial, paradisíaco do Adam-Kadmon, o ente andrógino que encarna a dualidade homem-mulher.

Esta preciosa restauração do Ser cósmico dentro de cada um de nós realiza-se precisamente nos deliciosos instantes daquele êxtase supremo do amor quando dois seres, um masculino e outro feminino, em plena cópula carnal, concedem, conscientemente, sua individualidade diferenciada para fundir-se na unidade.

Esta unidade não é apenas física, mas, também, anímico-espiritual. As doutrinas que rejeitam a Magia Sexual de Eros tornam-se, por isso, desumanas e antidinivas.

Compreende-se no ambiente cultural-espiritual da época atual e, sobretudo, nos círculos esotéricos mais refinados, o reconhecimento do homem como imagem e semelhança do cosmos vivente, partindo daí o sentido cósmico de sua potência sexual.

Os teólogos e naturalistas medievais conheciam, desde aquela época, um pouco sobre a conexão entre a energia sexual e as forças prodigiosas que atravessam o inalterável infinito.

Assim, Santo Alberto Magno achava-se imbuído de profunda crença sobre o poder dos astros que exercem decisivas influência sobre a potência sexual do indivíduo.

Opinando Santo Alberto que as estrelas eram bipolares, ou seja, de natureza angélica animal, chegou à conclusão lógica de que poderia ocorrer no matrimônio uma união, dupla união, espiritual e animal.

Santo Agostinho, o Patriarca Gnóstico, enfatiza a idéia de que a libido sexual abrange não só o corpo, como o Ser Íntimo que na agitação carnal se enlaça com o anímico, de modo a formar uma sensação de prazer sem igual entre os sensuais.

Assim, no instante em que alcança seu ponto culminante, é desconectada toda consciência e toda força de entendimento.

Esta desconexão entre a consciência e o intelecto é, precisamente, a que pode transfigurar o delicioso relacionamento sexual em sobrenatural, em espiritual, em algo divino. Esta é a nota final das práticas místicas, como por exemplo a do zen ou do quietismo cristão de Frei Miguel de Molinos, qual seja, a alcançarmos a tranqüilidade e o silêncio da mente.

Quando a mente está quieta, em silêncio, advém o novo. Nesses momentos de indiscutíveis delícias, a consciência escapa da mortificante mente para experimentar o real.

O segundo Patriarca do zen perguntou ao Bodhidharma: “Como é possível alcançar o Tao?”

O Bodhidharma respondeu-lhe: “Exteriormente, toda atividade cessa; interiormente, a mente deixa de agitar-se. Quando a mente converte-se em um muro, então pode-se ingressar no Tao”.

Os Budistas Chan, na China, raras vezes falam do Sambodhi, a iluminação final (o famoso Chueh).

Como o “Wu” é basicamente a experiência mística do despertar da Verdade (Prajña), a pessoa que consegue a vivência “W” pode não ser capaz de dominá-la, aprofundá-la e amadurecê-la.

Necessita-se de muito trabalho na Nona Esfera antes de se alcançar a perfeição, com a finalidade de afastar os pensamentos dualistas, egoístas e profundamente arraigados que surgem das paixões.

O Evangelho do Tao esclarece: “Purifica teu coração, limpa teus pensamentos, domina os teus apetites e conserva o sêmen”.

O autor do *El-Ktab*, escritura maravilhosa apreciada pelos árabes, não se cansa de glorificar a cópula carnal. Isto se constitui para ele, com justa razão, o hino de louvor mais solene e sagrado, o anseio mais nobre do homem e de sua companheira, ante a unidade primitiva e as delícias paradisíacas.

O amor é o Fiat Lux do livro de Moisés, o mandato divino, a lei para todos os continentes, mares, mundos e espaços.

Quando empunhamos valorosamente aquela Lança de Eros com o evidente propósito de reduzir à poeira todos e cada um dos elementos subjetivos existentes dentro de nós, brota a luz.

No interior das entidades subconscientes existem grandes quantidades de essência, luz em potencial que precisamos libertar.

Assim como o átomo ao ser fracionado libera energia, também a destruição total de qualquer dos nossos elementos infernais libera luz. “Necessitamos nos iluminar”.

“Luz, mais luz”, disse Goethe ao morrer.

A Magia Sexual é o fundamento eterno do Fiat luminoso e espermático do primeiro instante.

A morte radical do Ego e dos outros elementos infra-humanos situados em nosso interior conduz-nos à iluminação final (Samyasambodhi).

Assim a iluminação zen, o “Wu”, varia muito, vai desde a auto-observação superficial dos principiantes sobre a essência mental até o budismo total, como o que foi realizado por Buda.

CAPÍTULO XLVI Tantrismo branco

Autênticas doutrinas tântricas do *Kamasutra* de Vatsyayana e o Anangaranga de Kayanamalla complementam-se com o Vajroli-Yoga e o Pancatatwa.

O Kamasutra hindu legítimo nada tem a ver com certas edições espúrias ou apócrifas, adulteradas, que ostentando o mesmo título circulam por todos os países ocidentais.

Esta obra clássica da arte do amor hindu divide-se em sete partes: na primeira se expõe ao casal o impulso da vida e as artes e ciências que são de utilidade prática na Magia Sexual.

Só entram em consideração como Mestras das principiantes, aquelas mulheres que tenham praticado Magia Sexual com algum homem. A discípula deve possuir o conhecimento de sessenta e quatro artes básicas.

Entre outras coisas, depois do canto, música instrumental, dança, desenho, confecção de extrato de pétalas de flores, execução musical com vasos contendo água pura, mineralogia, ciência química, organização de brigas de galos, codornas, carneiros e técnica de todos os trabalhos literários, a aluna terá de aprender, obrigatoriamente, artes mágicas.

Além de saber preparar os diagramas e filtros amorosos de eficácia esotérica, deverá instruir-se em sábios sortilégios e mantras.

Na segunda parte do Kamasutra, o grande Mestre hindu Vatsyayana expõe, sabiamente, uma farta didática esotérica sobre a arte de amar, ocupando-se muito especialmente sobre algo extraordinário, qual a verdadeira divisão de tipos homens e mulheres segundo a divisão de seus órgãos genitais.

Inteligentemente apresenta três classes de homens que são designados segundo o seu Phalo como: lebre, touro e garanhão (animal grande do Hindustão).

Comparando com os varões, as mulheres também são classificadas segundo a constituição de seu Yoni (órgão sexual): gazela; égua e elefanta.

Esta diferenciação de ambos os sexos compõe-se, por sua vez, em nove combinações amorosas, fazendo-nos recordar a Nona Esfera:

1ª) Elevado gozo sexual: lebre com gazela; touro com égua; garanhão com elefanta.

2ª) Desiguais uniões sexuais: lebre com égua; lebre com elefante; touro com gazela; touro com elefanta; garanhão com égua; garanhão com gazela.

As nove possibilidades de união sexual se subdividem em três classes, segundo o tamanho dos órgãos sexuais: a proporção do mesmo tamanho, que sem dúvida é o melhor; a relação entre órgãos grandes com pequenos, no qual

é dos mais infelizes, o desfrute do prazer; todas as outras relações amorosas que podem simplesmente se classificar como regulares.

O eventual temperamento dos cônjuges, sem dúvida, desempenha um grande papel no ato sexual. Agrupam-se em três classes: frio, médio e ardente, de maneira que são possíveis os nove acoplamentos da Nona Esfera, a saber: frio com frio; médio com médio; ardente com ardente.

Desiguais uniões sexuais: frio com médio; frio com ardente; médio com frio; ardente com frio; ardente com médio.

A duração de um gozo sexual, ou seja, a possibilidade de uma longa permanência no mesmo, não se baseia, entre os hindus, por exemplo, em uma atividade sensual puramente animal, mas é considerado como questão vital que se expressa no ato executado como uma demonstração de cultura muito desenvolvida e muito bela. Um cônjuge que não se encontre realmente orientado sobre os mais íntimos fenômenos sexuais é considerado deficiente.

Segundo Rasamanjuri, todo homem no jogo do amor não reflexiona sobre o que se deve fazer ou deixar de fazer.

É evidente, também, que a duração do gozo sexual divide-se em três classes: rápida; média; e lenta. O segredo da felicidade de Deus consiste na relação dele consigo mesmo. Desta relação advém, de acordo com a lei das analogias ilosóficas, todo o vínculo cósmico, todo o enlace sexual. O gozo sexual é, pois, um direito legítimo do homem; a felicidade de Deus expressando-se através de nós.

Maomé disse: “O ato sexual é até agradável à religião, sempre que realizado com a invocação de Alá e com a própria mulher para a reprodução”.

O Alcorão diz: “Ouve, toma por mulher uma donzela a qual acaricies e te acaricie também. Não passes à penetração sem haver-te antes excitado pelas carícias”.

O Profeta sublinha: “Vossas esposas são para vós um labirinto. Ide a ele como vos aprouver, mas realizai antes algum ato devocional. Temei a Deus e não esqueçais de que um dia haveis de estar em sua presença!”

Segundo esta concepção, é ostentável que o delicioso ato sexual com a mulher adorável é uma forma de oração. Nesses instantes de suprema felicidade nos convertemos em colaboradores do Logos Criador; prosseguimos a tarefa radiante e a cada instante recreadora da manutenção do universo entre o seio misterioso da eterna Mãe-Espaço.

“Fazei como vosso criador, como um homem poderoso em obras e força, consciente do que faz e haveis de obter duplo gozo; um acréscimo de licor seminal e filhos são e fortes”.

Assim disse Maomé: “Dez graças concede Alá ao homem que outorga sua simpatia à mulher, com mãos acariciantes; vinte, se a pressiona de encontro ao seu coração; mas, se seu abraço amoroso é o autêntico, obtém de Deus trinta graças para cada beijo”.

Kalyanamalla enfatiza a idéia transcendental de que o cumprimento exato do código do amor é muito mais difícil do que o humanoíde intelectual equivocadamente pensa.

Os gozos preparatórios são complicados. A arte deverá ser executada exatamente segundo os preceitos, para avivar a paixão da mulher, da mesma maneira que se aviva uma fogueira, para que seu Yoni torne-se mais brando, elástico e idôneo ao ato amoroso.

Um sábio autor disse: “O anangaranga concede grande importância a que ambos os cônjuges não deixem introduzir em sua vida íntima nenhuma inibição, fastio ou saciedade em suas relações, efetuando a consumação do amor com recolhimento e entrega total. A forma do ato sexual, isto é, a posição no mesmo, é denominada Asana. Pode-se diferenciar quatro modalidades: *uttana-danda*; *tiryac*; *upawishta*; *uthitta*.

O estudo esotérico destas quatro Asanas Tântricas é de complicado conteúdo, com objetivos exclusivamente pedagógicos. Limitar-nos-emos no presente livro a transcrever especificamente aquela posição sexual chamada *upawishta*. Porém, em futuros tratados, continuaremos estudando as outras Asanas.

Upawishta quer dizer posição sentada, na qual ocorrem doze subposturas:

1) A especialmente preferida: *padmasana*. O homem senta-se com as pernas cruzadas sobre a cama ou uma almofada, toma a mulher sobre suas pernas enquanto esta, com as suas mãos, envolve o corpo do varão de tal forma que seus dois pés façam contato sobre o cóccix masculino (assim, a mulher absorve o Phalo).

2) Sentados ambos, e durante o delicioso ato, a mulher levanta com uma das mãos uma de suas pernas.

3) Homem e mulher entrelaçam suas mãos sobre suas respectivas nuças.

4) Enquanto a mulher toma em suas mãos os pés do homem, este toma os da mulher.

5) O homem toma nos braços as pernas da mulher, deixa-as repousarem sobre o arco do cotovelo e entrelaça os braços atrás da nuca de sua parceira.

6) A postura da tartaruga: ambos sentam-se de maneira que se tocam mutuamente na boca, mãos e pernas.

7) Sentado, com as pernas afastadas, o homem penetra seu membro e exerce pressão entre a coxa da mulher com a sua coxa.

8) Uma postura somente executável por um homem muito forte e uma mulher muito ágil: o homem apóia a mulher com os cotovelos elevados, penetra seu membro e após oscila-a da direita à esquerda.

9) A mesma posição, somente que a pendulação ou oscilação da mulher se efetua para diante e para trás.

O *Upawishta* oriental é maravilhoso, porém, os gnósticos não são exclusivistas. É óbvio que no mundo ocidental muitos místicos preferem a seguinte Asana:

1) Mulher estendida de costas na cama, pernas afastadas (abertas para a direita e para a esquerda), almofada baixa ou sem ela.

2) Homem colocado sobre a mulher, metido entre suas pernas; rosto, tórax e ventre masculino fazendo contato direto com o corpo feminino.

3) Fronte contra fronte, peito contra peito, plexo contra plexo; todos os correspondentes centros astrais justapostos para permitirem um intercâmbio de correntes magnéticas e estabelecer assim um androginismo completo.

4) Introduza-se muito suavemente o membro viril na vagina, evitando-se ações violentas. O movimento do Phalo dentro do útero deve ser lento e delicado.

5) A união deverá durar pelo menos uma hora.

6) Retirar-se da mulher antes do espasmo para evitar a ejaculação do sêmen.

7) O Phalo deve ser retirado de dentro do útero muito delicadamente.

Pierre Huard Ming Wong, falando sobre medicina chinesa, disse: “O Taoísmo tem outras influências na medicina, como prova a leitura de uma recompilação dos tratados taoístas, o *Sing-Ming-Kuel-Chen*, do ano 1622, aproximadamente”.

Distinguem-se três regiões no corpo humano. A região superior inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital.

“A almofada de Jade (Yu Chen) encontra-se na parte posterior inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital (Chen-Ku)”.

“O palácio do Ni-Huan (termo derivado da palavra sânscrita Nirvana) encontra-se no cérebro, chamado também ‘mar da medula óssea’ (Suei-Hai), e é a origem das substâncias seminais”.

“A região média é a coluna vertebral, considerada não como um eixo funcional e sim como um conduto, unindo as cavidades cerebrais com os centros genitais, termina num ponto chamado de coluna celeste (Tienchu), situado detrás da nuca no ponto onde nascem os cabelos. Não devemos confundir este ponto com o que na acupuntura tem o mesmo nome”.

A região inferior compreende o campo de cinábrio (Tan-Tien). Nela se assenta a atividade genital representada pelos rins, o fogo do tigre (Yang à esquerda), e o fogo do dragão (Ying à direita)”.

“A união sexual está simbolizada por um casal; um homem jovem conduz o tigre branco e uma mulher jovem cavalga sobre o dragão verde. O chumbo (elemento masculino) e o mercúrio (elemento feminino) irão mesclar-se, enquanto estiverem unidos. Os jovens arrojaram sua essência em uma caldeira de bronze, símbolo da atividade sexual”.

“Mas os líquidos genitais, particularmente o esperma (Tsing), não são eliminados, nem se perdem, a fim de que possam voltar ao cérebro pela coluna vertebral, graças a qual se recupera o curso da vida”.

“A base destas práticas sexuais taoístas é o ‘coitus reservatus’, no curso do qual o esperma que haja baixado do encéfalo até a região prostática (mas que não tenha sido ejaculado) retorna à sua origem; é o que se denomina fazer voltar a substância (Huan-Tsing)”.

Quaisquer que sejam as objeções que se formulem frente à realidade deste retorno, não é menos certo que os taoístas conceberam um domínio cerebral dos instintos elementais que mantinha o grau de excitação genésica por debaixo do umbral da ejaculação; deram assim ao ato sexual um estilo novo e uma realidade diferente à fecundação.

“As práticas sexuais desempenharam um grande papel no taoísmo. As práticas públicas e coletivas, assinaladas no século 2º, desapareceram no século 6º”.

“As práticas privadas continuaram tanto tempo que Tseng (século 12) lhes consagrou uma parte de seu ‘Tao Chu’ ”.

“Realmente tanto taoístas como Budistas observaram a continência (que tem sua base na Magia Sexual). Porém os primeiros a consideravam como uma forma de desprendimento que devia levá-los à libertação, enquanto os segundos (além do seu desejo de conseguir o Tao) mantinham-se castos para concentrar-se, conservar sua substância e terem longevidade”.

“É possível que, igualmente como sucedeu com seus exercícios respiratórios, os taoístas se inspiraram nos tratados tântricos hindus. Alguns foram traduzidos para o chinês na época dos T’Ang e conhecidos por Suen-Ss Eu Miao”.

“O Pao-P’u-Tseu contém uma seção intitulada “A Alcova” (dezoito capítulos), que foi impressa em 1066 e reimpressa em 1307, 1544 e 1604 por Kiao Che-King”.

Estas datas foram extraídas dos textos incluídos nos Anais do Suei por Tamba Yasuyori em seu Yi-Sin-Fang (982-984, impresso por Taki Genkin, morto em 1857).

“Em 1854 este compêndio médico de trinta capítulos, contendo os segredos de alcova, foi reeditado por Ye Tohuei (1864-1927) que reconstruiu os textos perdidos e, particularmente, o “Ars Amatoria”, do Mestre Tong-Hiuan”.

Um grande sábio disse: “Mediante a prática do Vajroli-Mudra o iogui faz afluir em si a Shakti, ou seja, a energia universal revelada, de maneira que já não será apenas partícipe, mas também seu Senhor”.

No Viparitarani, diz-se: “Esta prática é a melhor, excelente, causadora da liberação para o iogue. Ela importa em saúde, outorgando-lhe a perfeição”.

Se desvendarmos o Vajroli Mudra, se rasgarmos o véu de Ísis, fica a verdade nua, a Magia Sexual, o Sahaja Maithuna.

A esotérica Viparitakarani ensina claramente como o iogue faz subir lentamente o sêmen mediante a concentração, de modo que o homem e a mulher, em plena cópula, podem alcançar o Vajroli.

Om! Obediente à deusa, semelhante a uma serpente adormecida no Swayambhulingam e maravilhosamente adornada, desfruta do amado e de outros arrebatamentos. Acha-se aprisionada pelo vinho e irradia com milhões de raios. Será despertada (durante a Magia Sexual), pelo ar e pelo fogo, com os mantras 'Yam e Dram' e pelo mantran 'Hum' ”.

Cantai estes mantras nesses preciosos momentos em que o Lingam Yoni encontram-se conectados no leito nupcial. Assim, despertareis Devi Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

CAPÍTULO XLVII

O terceiro ato

Mário Roso de Luna, o insigne escritor teosófico, comentando a terceira parte do Parsifal de Wagner, escreveu textualmente o seguinte:

“O terceiro ato desenrola-se novamente nos domínios do Graal.

É primavera. Uma campina alegre, cujos limites estendem-se desde as proximidades do bosque até as montanhas do Graal, mostra entre o arvoredo um manancial e, em frente a ele, junto às rochas, uma pobre choça de ermitão.

É a primeira hora da Sexta-Feira Santa. Gurnemanz, o ermitão envelhecido, trajado apenas com a velha túnica dos cavaleiros do Graal, sai da choça e escuta uns profundos gemidos, como de alguém que, em profundo sono, luta contra um pesadelo.

Dirige-se apressadamente para o sarçal de onde provêm os gemidos e encontra Kundry, fria e rígida, escondida não se sabe há quanto tempo, nos ásperos espinheiros do inverno – a triste noite moral do pecador – sem conhecer a chegada da primavera.

O ancião arrasta Kundry para fora e procura reanimá-la com o seu alento. Ela desperta, finalmente, lançando um grito. Veste-se de penitente. Sua tez é mais pálida.

Do rosto e dos modos desaparecera a crueldade intratável.

Contempla Gurnemanz, demoradamente, como quem evoca antigas lembranças; levanta-se e dirigindo-se à cabana do eremita dispõe-se à faina de servi-lo, como outrora o fizera com os santos cavaleiros.

Enche um cântaro com água da fonte e logo regressa à cabana, dispondo-se a trabalhar, como de costume, por gratidão ao último sobrevivente do Graal.

Enquanto isso, sai do bosque Parsifal, vestindo um traje negro com armadura fechada, viseira abaixada, lança inclinada e a cabeça curvada sob o peso de seus descontraídos pensamentos.

Gurnemanz aproxima-se, oferecendo-lhe auxílio. Parsifal não responde às atenções do asceta; mas este lhe recorda que é Sexta-Feira Santa, dia cuja santidade não deve ser escarnejada pelo uso de armas.

Parsifal levanta-se, arrojando ao solo suas armas, crava na terra a lança e diante dela cai de joelhos em estática oração.

Gurnemanz contempla-o, emocionado e assombrado, enquanto através de sinais chama Kundry. Nele, reconhece agora o matador do cisne de outrora, pecador que retorna, qual o homem, ao Santo Recinto ‘pelos caminhos da desolação e do desacerto, cem vezes amaldiçoado; por paragens sem senda e contendas inumeráveis’.

O ermitão informa-o sobre o estado de desgraça em que haviam caído os cavaleiros do Graal, todos dispersados ou mortos, menos ele, desde que Amfortas, já impotente para resistir à maldição de sua ferida, busca a morte, renunciando descobrir o sagrado Vaso para que Ele não continue prolongando-lhe a vida com o seu hálito imortal.

Parsifal, ante dor tamanha, cai desmaiado junto à fonte.

Gurnemanz sustenta-o, fazendo sentar-se na relva, e Kundry acode com uma vasilha de água para refrescar o rosto de Parsifal.

Não!, diz Gurnemanz. Seja a própria fonte sagrada o Vaso - o Yoni que ao peregrino restaure.

Prevejo que está chamado a realizar hoje uma obra sublime; a exercer uma missão divina. Seja, pois, limpo de toda mancha e lavado aqui das impurezas de sua longa peregrinação.

Ambos conduzem Parsifal até à beira de uma fonte.

Kundry desata-lhe as grevas (parte da armadura que recobre as pernas) e banha-lhe os pés, enquanto o ermitão despoja-o das velhas e negras vestiduras da dor e da luta, deixando-o apenas com a túnica branca do Neófito, que é a nova túnica da pureza, expurgado já de todo o velho fermento do pecado, como diria São Paulo!

Kundry unge os pés do predestinado, vertendo sobre eles o conteúdo de um frasquinho de ouro oculto em seu seio.

Qual nova Madalena, enxuga-lhe os pés com seus próprios cabelos.

Simultaneamente, Gurnemanz unge-lhe a cabeça como a um futuro Rei, batizando-lhe como ao Redentor do Graal e como a um sábio por compaixão.

O inefável idílico conhecido como “*Os Encantos da Sexta-Feira Santa*” ressoa triunfalmente pelo espaço, saudando gozoso o Redentor em meio à ventura estreita do monte e da floresta, onde tudo sorri ao aproximar-se o momento supremo da libertação.

Os sinos do Graal tornam a soar como outrora, chamando à santa cerimônia.

Gurnemanz reveste-se com a sua guardada almilha (cota de malhas usada sob a armadura) e manto de cavaleiro ao novo Rei, e com ele empreende a subida para o castelo, cujos esplendores, graças à sagrada lança sexual, não tardarão em retornar.

O ambiente da enorme Sala do Graal enche-se de cavaleiros e de escudeiros que de um lado conduzem a carruagem de Amfortas, e de outro o cadáver de Titurel, para receber a benção póstuma do Graal.

O filho dolorido, buscando apenas o descanso da morte, inconsciente, causara a morte de seu pai ao privá-lo da imortal contemplação do Vaso Regenerador.

Todos os cavaleiros exigem que Amfortas, pela última vez, cumpra o seu encargo.

Amfortas, presentindo a aproximação da morte, resiste em retornar à vida, que o Graal descoberto lhe daria. Rasga indignado suas vestimentas, pedindo aos gritos a morte em tremendo paroxismo.

Todos afastam-se dele, surpreendidos.

Ao descobrir-se, Amfortas deixara visível a funesta ferida brotando sangue intensamente.

Parsifal, que tinha chegado a desprender-se do grupo, brande a lança, e tocando com sua ponta às costas de Amfortas, cura milagrosamente o ferimento.

Ergue triunfalmente a lança e todos em êxtase prosternam-se diante dela, enquanto Amfortas tira da arca a sagrada relíquia. Faz com que todo o ambiente se absorva com a glória do Graal, e Parsifal, elevado desde aquele momento à dignidade suprema, abençoa para todo o sempre com Ele a Santa Assembléia restaurada.

Titurel, regressando por um momento à vida, incorpora-se no féretro, ao passo que desde a cúpula, a branca pomba cerne-se sobre a cabeça do novo Rei! Do Rei sábio por compaixão! Vibram mais vigorosos os cânticos sagrados, e Kundry, a mulher-símbolo, cai exânime também redimida, ao solo, em meio da universal homenagem que os céus e a terra rendem gloriosamente ao herói vencedor das potestades do mal, tendo conseguido a Libertação mediante o esforço e o sacrifício.”

CAPÍTULO XLVIII

O sinal de Jonas

“Esta geração malvada e adúltera pede sinais, mas sinal não lhe será dado, senão o do Profeta Jonas. Assim como Jonas esteve no ventre da baleia por três dias e três noites, assim estará o Filho do Homem na terra, três dias e três noites.” (Mateus, 12: 39-40)

Este belo relato, algo confuso do livro maravilhoso de Jonas, tem como base esotérica uma cerimônia simbólica antiqüíssima que consistia em deixar o iniciado durante três dias e três noites entre o mistério indescritível de uma caverna ou gruta semelhante em sua forma a um peixe.

Contam velhas tradições, que se perdem na noite aterradora dos séculos, que durante este intervalo, enquanto o corpo do iniciado jazia como um cadáver dentro do sarcófago, sua alma ausente da humana forma densa, experimentava diretamente nos mundos superiores o ritual da vida e da morte.

Tanto a água elemental quanto a perfumada terra, elementos sem dúvida passivos ou, simplesmente, negativos, representam a purificação preliminar e a base séria de todo o processo regenerativo após tornar-se efetivo por meio dos elementos superiores e ativos, o ar e o fogo respectivamente, símbolos do espírito e da grande realidade.

A forma extraordinária e maravilhosa do velho ataúde de Osíris chama atenção pela sua semelhança e significado esotérico com outro peixe, representado, magnificamente, pelo alfabeto semita na letra Samek, que ocupa o décimo quinto lugar cabalístico, a qual simboliza no princípio a famosa constelação da Baleia, sob cuja regência devemos realizar todos os trabalhos da Nona Esfera.

O quinze cabalístico do Tifon Bafometo – o Diabo –, a paixão animal, representativo da citada constelação, convida-nos a compreender o que é o trabalho na Nona Esfera (o sexo).

O iniciado que derrame o vaso de Hermes será fulminado pelo Arcano dezesseis da constelação de Áries; cairá desde o cimo da torre sob o raio da Justiça Cósmica como a pentalfa invertida, com a cabeça para baixo e as duas pernas para cima.

Se adicionarmos cabalisticamente as duas cifras do 15 teremos o seguinte resultado: $1 + 5 = 6$.

Seis, no Tarô, é o Arcano dos Enamorados; o homem entre a virtude e a paixão. Aprendei a polarizar-vos sabiamente com o Arcano Seis e haveis vencido o espantoso 15 da constelação da Baleia.

Recordai, amado leitor, que no centro do peito tens um ponto magnético muito especial que capta as ondas de luz e de glória que vêm de tua alma humana.

Ela é Tipheret, o Arcano seis do Tarô. Escutai-a. Obedecei às ordens dela emanadas. Atuai de acordo com esses impulsos íntimos; trabalhai na Forja dos Ciclopes quando ela assim o quiser. Se aprenderes a obedecê-la, não perecereis dentro do ventre da baleia.

Veja! Tens-te tornado um peixe trabalhando nas águas caóticas do primeiro instante. Agora compreenderás o porquê do ataúde de Osíris ter a forma de um peixe.

Os sete dias, ou períodos genesíacos de Moisés, sintetizam-se nesses três dias e três noites de Jonas dentro do ventre da baleia, cerimônia iniciática repetida pelo Grande Cabir Jesus dentro do Santo Sepulcro.

Algumas pessoas mal informadas supõem, equivocadamente, que a simples cerimônia iniciática simbólica do magno sepulcro com seus três dias, mais a catalepsia do corpo físico, seja tudo.

Ignoram, infelizmente, essas boas pessoas, que a simples cerimônia é tão só um símbolo, ou uma alegoria de algo imenso e terrível que se projeta no ignoto.

Jonas, o profeta, trabalhando sob a regência da constelação da Baleia, mergulhado no profundo poço do universo da Nona Esfera (o sexo), realiza seu trabalho em três dias ou períodos mais ou menos longos:

- Fabrica o traje de bodas da alma e estabelece dentro de si próprio um centro permanente de consciência.
- Elimina radicalmente os três traidores do Cristo íntimo e reduz à poeira cósmica o dragão das trevas e as bestas secundárias (trabalho sublunar).
- Continua morrendo nas esferas superiores de Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno.

O primeiro período de tempo do qual falava o Grande Cabir Jesus ao rabino Nicodemus conclui-se no “segundo nascimento”.

O segundo período finaliza-se com as bodas maravilhosas. Nada menos que os esponsais da alma humana com Ginebra, a rainha dos Jinas. Quanto às mulheres, diremos que se casam com o Bem Amado eterno.

O terceiro período conclui-se magistralmente com a ressurreição do Cristo Secreto dentro de nosso próprio coração.

Os textos esoteristas hindus mencionam constantemente a famosa Trimurti: Atman - Budhi-Manas (isto é, o Íntimo com as suas duas almas: Budhi e Manas, respectivamente).

Dessa trimurti somente uma insignificante fração do terceiro aspecto está encarnada no humanóide intelectual equivocadamente chamado homem.

Esta fração denomina-se “Essência”. No zen japonês é conhecida como “o Budata”.

A Essência jaz em sonhos, dentro desse bizarro conjunto de entidades submersas, tenebrosas, que constituem o Ego, o Mim mesmo, o Si mesmo.

Porém, a Essência é a matéria-prima para a fabricação da alma; conceito este que infelizmente não tem sido muito bem entendido por nossos estudantes gnósticos.

O Tao chinês ensina claramente que a Essência engarrafada dentro de todo este aglomerado de Eus-Diabólicos que constituem o Ego, tem que passar na Nona Esfera por incessantes transformações alquímicas antes de converter-se na “Pérola Seminal”.

O refluxo maravilhoso da energia sexual em forma de torvelinho luminoso como quando um raio de luz regressa ao chocar-se contra um muro, vem a cristalizar-se dentro de nós na “Flor Áurea”, a qual, como é sabido, estabelece dentro do neófito um centro permanente de consciência.

A “Pérola Seminal”, desenvolvendo-se mediante a Magia Sexual e o trabalho formidável com a lança de Longinus, há de passar por indescritíveis amarguras antes de converter-se no “embrião áureo” (na flor áurea).

O segundo nascimento é um evento cósmico extraordinário, maravilhoso, quando encarnamos o terceiro aspecto da Trimurti: Atman-Budhi-Manas. A humana alma (o Manas superior dos hindus) entra no embrião áureo. A partir deste instante, dizemos que somos homens com alma, indivíduos sagrados, pessoas verdadeiramente responsáveis no mais completo sentido da palavra.

O “embrião áureo”, vestido com o traje de bodas da alma, experimenta em verdade um gozo supremo no instante em que se funde com a alma humana.

No embrião áureo encontram-se resumidas todas as experiências da vida e por isto é ostensível que origina transformações profundas nos princípios neumáticos imortais do homem. Assim é como os convertemos em Adeptos da Fraternidade Branca.

O matrimônio com Ginebra, a divina amazona, é outro evento de maravilhas que marca o final apoteótico do segundo grande dia ou período de tempo. Experimentamos então outra transformação radical porque dentro do Budhi, como dentro de um vaso de alabastro fino e transparente, arde a chama de Prajña.

Porém, a transformação superior somente é possível com a ressurreição do Cristo íntimo no coração do homem. Esta é fase culminante do terceiro período.

O instante formidável em que a brilhante constelação da Baleia vomita Jonas, o profeta, nas praias de Nínive; o momento supremo em que ressuscita Jesus, o Grande Cabir; o segundo extraordinário do triunfo de Parsifal no templo resplandecente do Santo Graal.

CAPÍTULO XLIX

A partitura de Parsifal

Mário Roso de Luna, o grande sábio espanhol, escreveu:

A partitura de Parsifal – disse Rogélio Villar – assombra geralmente por sua grandeza, majestade, inspiração e beleza de sua apresentação, pureza de suas linhas melódica e harmônica, colorido e matiz de sua instrumentação sábia, doce e suave, grandiosa e solene.

Marca o final da evolução iniciada com Tannhauser e Lohengrin, em cujas inspiradas obras encontram-se traçadas suas teorias sobre o drama lírico, chegando ao seu clímax na belíssima partitura do Parsifal.

Os trechos melódicos fragmentados (leitmotivs) que se ouviram no transcurso do drama de Wagner nas diferentes situações, são de grande potência expresShiva, em relação com o caráter do poema, sempre subordinados ao espírito da frase literária.

O prelúdio e a consagração do Santo Graal (Ceia dos Apóstolos), página magnífica e de intensa emoção no primeiro ato; o prelúdio e o jardim encantado de Klingsor (cena voluptuosa das flores), e o dramático dueto da sedução entre Kundry e Parsifal no segundo; o breve e melancólico prelúdio, a comovedora cena do batismo (um dos momentos mais emocionantes do Parsifal) e os encantos da Sexta-Feira Santa, páginas de sublime beleza. No terceiro, o mais encantador e poético pelas suas delicadezas e por sua orquestração rica e exuberante, como todas as situações salientes da ópera, repletas de encantadora poesia e ternura, delicadas ou doces, sombrias ou tétricas, sempre caracterizadas com o poema.

Outros fragmentos episódicos interessantes pelo sabor orquestral de caráter descritivo são: a oração matinal de Gurnemanz; a saída de Kundry; o cortejo do Rei, de muita visualidade, assim como a fala de Gurnemanz à sombra de uma árvore secular, quando narra aos seus escudeiros a origem da ordem do Graal, Kundry, as dores de Amfortas e o malefício de Klingsor.

Sobressai-se, também, no segundo ato, toda a sinistra cena do mago infernal, na qual se vale de suas astúcias para que Kundry, a Eva da mitologia hebraica, seduza Parsifal. No terceiro, a desoladora cena de Amfortas, de profunda emoção e a marcha fúnebre.

Existe na partitura do Parsifal fragmentos sinfônicos de uma imponderável beleza, sonoridades deliciosas impregnadas, fusionadas com uma arte tão nova, tão adequada ao meio em que se desenvolve a ação, ao caráter da paisagem, imagens poético-musicais tão expressivas, e verdadeiros acertos de interpretação da lenda do Santo Graal, que subjagam.

Entremeados com uma arte sem precedentes, ouvem-se orquestrados os temas da Ceia, Titirel (Ordem do Graal), Kundry, Amfortas, Parsifal, que simbolizam a fé, a compaixão, a humildade, a melancolia, o amor, a resignação, o cisne, a lança e outros, cuja significação é necessário conhecer para que se desfrute completamente a concepção wagneriana em toda a sua magnitude e grandeza. Amfortas simboliza o remorso; Titirel, a voz do passado; Klingsor, o pecado (o Eu); Parsifal simboliza a redenção; Gurnemanz (o guru), a tradição; e Kundry, a sedução.

Paz Inverencial!

SAMAEL AUN WEOR

Estimado Leitor do www.GnosisOnline.org .Caso se interesse pelos temas gnósticos, sugerimos que leia outras obras de Samael Aun Weor, o Grande Mestre Gnóstico e Avatar da Era de Aquário. As outras obras disponíveis na Biblioteca GnosisOnline são também gratuitas.